

**Comunidades fortes: fortalecimento dos circuitos espaciais de produção para
afirmação de modos de vida em comunidades tradicionais de Rondônia**

William Kennedy do Amaral Souza
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, Rondônia, Brasil
Endereço eletrônico: william.souza@ifro.edu.br

Marcel Emeric Bizerra de Araujo
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, Rondônia, Brasil
Endereço eletrônico: marcel.emic@ifro.edu.br

Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, Rondônia, Brasil
Endereço eletrônico: monica.oliveira@ifro.edu.br

1802

Palavras-chave: Conflitos no Campo. Campesinato. Povos e comunidades tradicionais.
Modos de vida

Desde sempre se ouve falar em violência do latifúndio. Podemos dizer, com segurança, que latifúndio e violência são entranhamente ligados. São duas faces da mesma moeda. Não existe latifúndio, sem violência. A violência faz parte do latifúndio. (Dom Tomás Balduino, 2002).

INTRODUÇÃO

Já se passaram mais de 20 anos que Dom Tomás denunciou a insegurança da vida dos povos, mas, infelizmente, a violência perdura no campo brasileiro (CPT, 2002). A luta por acesso à terra é parte vital da luta por direitos da classe trabalhadora. Na Amazônia, essa luta se mostra extremamente dura, afinal, o empresariado capitalista quer dominar esta que é a maior floresta tropical do mundo. E essas tentativas de dominação são sempre feitas com violência.

Constantemente, terras indígenas, reservas extrativistas, reservas naturais e florestas nacionais (todas sobre a proteção da União) são ameaçadas, invadidas e exploradas por pessoas que não tem direito a essas áreas. Nessas invasões, tentam expulsar as pessoas que vivem nos territórios. Como principais operadores da violência

Realização:



Apoio:



estão agentes privados que se designam fazendeiros, agromilícias e grupos de pistoleiros que atuam sob encomenda. E, como explicou Matos (2021) estão com muita força:

Na Amazônia brasileira, há um empoderamento das agromilícias mercenárias no exercício de um poder paralelo nas disputas por terra, madeira e minério nas áreas públicas e nos territórios comunitários. Nas ações desses grupos ligados ao mundo “agro” está embutida as conspirações maniqueístas (“trabalhadores” versus “preguiçosos”, “progresso” versus “atraso” etc.) daqueles que estão à procura do inimigo em comum. (MATOS, 2021, p.859).

1803

Para combater a violência e manter povos e comunidades tradicionais e camponeses em seus lugares é necessário fortalecer os modos de vida. Souza afirma que:

(...) conjunto de práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas compartilhadas por um determinado grupo social no processo de produção da vida material e simbólica. Como expressão da cultura, respeito aos costumes, tradições, valores, crenças e saberes que orientam as normas de convivência na vida familiar, no trabalho e em âmbito comunitário. Relaciona-se às maneiras de produzir, consumir e distribuir os frutos do trabalho, tendo em conta as formas de sentir e pensar a vida e o mundo. Os modos de vida manifestam as relações que homens e mulheres trabalhadoras, mediadas pela memória coletiva e por experiências vividas e herdadas, estabelecem entre si e com o território em que produzem sua existência. (SOUZA, 2020, p. 131).

Assim, este estudo, Comunidades Fortes, articula pesquisa, extensão e desenvolvimento científico-tecnológico. O objetivo é analisar os circuitos produtivos das comunidades, tendo em vista ampliar o fomento desses circuitos e agregar valor aos produtos. Tais ações destinam-se a manter os modos de vida e os povos tradicionais em seus territórios e, por consequência, manter a floresta em pé.

METODOLOGIA

O nosso referencial teórico é o materialismo histórico e a pesquisa, que está em andamento, é exploratória. O fortalecimento do modo de vida de povos e comunidades tradicionais ativa a resistência ao avanço do modo de produção capitalista. Visitamos sete comunidades tradicionais do estado de Rondônia. Realizamos entrevistas individuais e coletivas semiestruturadas, “rodas de conversa” e observação das práticas cotidianas. Esses procedimentos dão base para a aplicação de ações extensionistas (cursos e

Realização:



Apoio:



assessorias) e a aquisição de máquinas, equipamentos e materiais em geral para a melhoria dos circuitos produtivos das comunidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações de fortalecimento dos modos de vida desenvolvidas pelo projeto nas comunidades indicam o aumento da população residente, conforme descritos no quadro abaixo.

1804

Quadro 1 — Núcleos de atendimento e seus beneficiários

Povos e Comunidades Tradicionais	Entidades Representativas	Lugar	N. anterior	N. atual
Comunidade remanescente do Quilombo de Porto Rolim	Associação Quilombola de Rolim de Moura do Guaporé.	Distrito de Rolim de Moura do Guaporé.	720	800
Comunidade Indígena Boa Esperança	FUNAI	Distrito de Nova Dimensão, Linha 12.	45	51
Comunidade Indígena Awina Tocwe	Associação Indígena Awina Tocwe/FUNAI	Distrito de Nova Dimensão, Linha 26.	80	100
Povos da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto	ICMBio	Municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré	1.080	1.200
Ribeirinhos do Distrito de Surpresa	Prefeitura de Guajará-Mirim	Municípios de Guajará-Mirim	1.000	1070
Comunidade Indígena Karipuna	Associação Indígena Karipuna	Distrito de Nova Bandeirantes, Porto Velho.	24	35
Comunidade Remanescente do Quilombo de Pedras Negras	Associação Quilombola de Pedras Negras do Guaporé	Municípios de São Francisco do Guaporé e Alta Floresta d'Oeste	100	120

Fonte: IFRO (2022).

Valderino Aruak, cacique da aldeia indígena da linha 26 no município de Nova Mamoré nos diz que:

“... a chegada do projeto trouxe um ânimo para a comunidade e alguns *parentes* que estavam fora quiseram voltar para a aldeia, porque acreditam que vão ganhar um dinheiro a mais aqui. (depoimento para a equipe do projeto).

Realização:



Apoio:



Os relatos colhidos na pesquisa indicam que essas pessoas querem estar em seus territórios de origem e, a saída para novos territórios (rurais ou urbanos) só acontece mediante algum tipo de cerceamento ou pressão. É o que indica Edivaldo:

Nós extrativistas, seringueiros queremos viver da maneira que vivemos. Claro que queremos ter melhorias, mas não queremos sair daqui e ir morar na cidade e também não queremos ser empregados de uma fazenda. Vamos supor que aqui tivesse acabado o seringal e não tivesse virado RESEX, tivesse virado uma fazenda. Muitos não iam querer viver aqui. A gente ia procurar outro seringal, outra Reserva. Porque a gente foi criado e gosta de viver assim, cortando seringa, catando castanha, pescando, plantando uma roça, essas coisas que a gente faz. (Edivaldo, RESEX do Rio Ouro Preto).

1805

Para manter e quiçá, ampliar a relação desses povos com o seu território é fundamental fortalecer as culturas e o manejo da terra, bem como de outros recursos, empregados nas atividades dos grupos envolvidos. Assim, o projeto por meio da pesquisa, é também uma estratégia de instrumentação de trabalhadores e trabalhadoras do campo, cujos meios de produção são bastante limitados. A aquisição de máquinas e implementos agrícolas reduzirá os custos de produção e agregará maior valor aos frutos do trabalho. A intenção é melhorar as condições de vida desses povos e, assim, ajudá-los a preservar os seus territórios.

CONCLUSÕES

Sabemos que o empresariado capitalista tenta atravancar as atividades dos povos e comunidades tradicionais. Essa interferência se dá nas maneiras de produzir, consumir e distribuir os frutos do trabalho, dificultando a relação dos povos e comunidades tradicionais com os seus territórios e com os que estão a sua volta. Ora, a relação com o território que são os rios, as terras, as florestas e tudo que há em seu entorno é central na constituição dos modos de vida dessas comunidades. Nas 7 comunidades, campo empírico desta pesquisa, povos e comunidades tradicionais lutam para manter seus modos de vida, pautados pela experiência humana, individual e coletiva. Homens e mulheres insistem em preservar suas formas de estar no mundo e lutam para mostrar que ali estão, e que é totalmente falsa a ideia do vazio demográfico que, no ideário capitalista, autorizaria a exploração da região.

Realização:



Apoio:



Tanto camponeses como os indígenas têm muito o que contribuir com esses desafios. Não é mero acaso que no fim de um século escarnecido pelo liberalismo tosco e pelo capitalismo selvagem os olhares se voltem para a comunidade agrária, para alguns hábitos antigos de respeito a natureza, para a velha propensão a tecnologia leve, para as reservas de economia moral e o que nos resta dos sistemas de redistribuição e apoio mútuo, bem como para as perseverantes formas de governo participativas e consensuais. [...] Em todo caso, é certo que se os indígenas fracassarem todos nós seremos derrotados, e se os camponeses perderem, também perderemos todos. (BARTRA VERGÉS, 2011, p.89).

Não tomamos palavras finais ou conclusivas, mas concordamos com Bartra Vergés quando este afirma a importância desses povos para a manutenção do próprio planeta.

REFERÊNCIAS

BARTRA VERGÉS, Armando. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, Coleção Vozes do Campo, 2011.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA- CPT. **Discurso de Dom Tomás Balduino no lançamento do Caderno de Conflitos Agrários de 2001**, Goiânia, 2002.

MATOS, Lucas Ramos de. **A Amazônia na virada global da extrema direita**. *Ciência Geográfica - Bauru - XXV - Vol. XXV - (3): janeiro/dezembro – 2021*.

SOUZA, William Kennedy do Amaral. **Trabalho-Educação, Economia e Cultura em Povos e Comunidades Tradicionais: A (Re) Afirmação de Modos de Vida como Forma de Resistência**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

Realização:



Apoio:

